

A mão

que segura

e a

que

se eleva no ar

A mão que segura e a que se eleva no ar 4

Isabel Baraona,
Mafalda Santos,
Susana Gaudêncio

A mão

Nem luz nem sombra: a mão que acolhe 11

Sónia Neves

que segura

Isabel Baraona	16
Joana Rita	22
Lara Martins Teixeira	24
Mafalda Santos	26
Maria Miguel von Hafe	32
Sara Araújo	36
Susana Gaudêncio	38
Xana	44

e a

que

no ar

se eleva

Santos, que revisitam e actualizam os trabalhos artísticos produzidos no âmbito da investigação sobre a obra de Hatherly, os três projectos expositivos e o conceito de desenho enquanto escrita. Sónia Neves, convidada a mediar uma visita-vídeo guiada no âmbito da primeira exposição, traduziu o seu conteúdo para o formato de publicação, o artista Xana, contribuiu com um conjunto de desenhos tendo como mote a temática do projecto. A publicação inclui ainda ensaios visuais realizados por duas estudantes finalistas da Licenciatura em Artes Visuais da EAAD — Lara Martins Teixeira e Sara Araújo e duas estudantes do Mestrado em Artes Plásticas da ESAD.CR — Maria Miguel von Hafe e Joana Rita, cujo trabalho encontra afinidades com a obra da artista celebrada. Como artistas-professoras interessa-nos encorajar a pensar sobre as várias abordagens do que pode ser investigação *em arte* ou *sobre arte* (Frayling: 1993–94) e divulgar externamente, i.e. fora do âmbito escolar, os resultados do trabalho pedagógico desenvolvido no seio das Unidades Curriculares práticas de Atelier (EAAD) e de Projecto (ESAD.CR). As estudantes foram seleccionadas pelas respectivas docentes. A edição acolhe assim textos e imagens de artistas de várias gerações, cruzando olhares sobre o legado de Hatherly, e enriquecendo as múltiplas dimensões poéticas e políticas da sua obra.

Nem luz nem sombra: a mão que acolhe

Sónia

Neves

Por neutro entende-se o limiar entre dois opostos, um lugar provisório, suspenso, não é um nem é o outro. Mas a neutralidade não é indiferença, é uma escolha. Roland Barthes *atravessou-o: O Neutro—o meu Neutro pode remeter a estados intensos, fortes e inauditos. “Burlar o paradigma” é uma actividade ardente, candente.* (Barthes, pp. 18–19) O que é isso do Neutro? Este cintila, é um conceito subtil, foi desejado. Um desejo desenhado pela travessia e o Neutro é esse espaçamento. Os seus argumentos circularam como um rio, verbais e errantes, tal como as nossas palavras neste texto: delineados por traços de palavras ouvidas.⁶

As obras de Isabel Baraona, Mafalda Santos e Susana Gaudêncio exibem-se em tais cintilações nas paredes descarnadas, vivas, que fazem da Rampa um lugar expositivo particular. *A mão que segura e a que se eleva no ar* deriva, também, entre o lá e o cá, uma coisa e a outra. A palavra que se dá e a que se esconde. São obras que se expõem e não identificam, em unidade e desprendimento, na evocação tacteável às Três Marias (nas *Novas Cartas Portuguesas*) que relataram a intimidade—outro espaço neutro. Experimentamos, ainda, a bondade com o próprio espaço, a Rampa: invólucro e objecto num só—na promessa de um projecto neutro. A tamanha evidência de estados de “neutralidade” somam-se os objectos, despojos, sobras de papel, texturas, palavras, grafitis e imagens em movimento que as três artistas recolectaram.

C o r r e n t e

O esbranquiçado afirma-se: nem sombra nem luz, num jogo subtil de claro escuro. Estará a cor queimada ou estará por revelar?

Gosto dessa ideia de uma cor queimada sobre um suporte (não tinha pensado nisso); quando queimada talvez o processo alquímico de transformação a torne indelével. Em si mesmo o espaço já tem “cor” no sentido de ter características muito fortes. Perante um olhar atento a cor está lá, ora subtil e entranhada nas matérias, ora num apontamento mais forte mas

⁶ Anotações de aulas leccionadas no Collège de France. Curso sobre «O Neutro ou o Desejo de Neutro» entre 18 de Fevereiro a 3 Junho de 1978, na cadeira de Semiologia literária.

contido. Mas foi interessante pensar na integração das obras (no espaço e na relação entre elas), na sua pertença ao espaço como se aí tivessem sido integralmente feitas.

Contemplamos quadros falsos, mais frágeis e complexos do que tramas em linho. Neles lemos indícios das ruas e histórias timbradas. As mãos da amizade, que tenho observado com admiração. A perseverança, o movimento hipnótico e curativo ajustado à certeza do gesto. A arte cura?

Não sei se arte cura mas penso muitas vezes, como num mantra interior, que a arte salva. Salva-nos do mundo, permitindo-nos engendrar um futuro, perspectivar o passado e sobreviver no presente. Pode transportar-nos para além do que é e do que tem que ser, por vezes para o domínio do que nos transcende e escapa à nossa compreensão. Um tecido puído por onde espreita a luz, o furo no fundo de um vaso, o murmulhar da árvore.

A mão que segura ligações, familiaridades e a intensidade da vivência—raparigas e mulheres. Porque te interessa (agora, e desde há uns tempos) trazer *tensões identitárias e do género*?

São para mim questões cada vez mais prementes a nível pessoal e coletivo, nódulos de tensão que são fonte de inquietação e também de alguma contradição interna. Sinto que tanto a rua como a casa são ainda palco de muitas lutas que já deveriam ter produzido mais igualdade, respeito e valorização da singularidade de cada um(a).

Temos o amor pelos livros, amontoados, prontos a serem levados. O desejo que se dissemina: no gesto autêntico. Comungar: é indissociável a conexão ao poético Félix-Gonzalez Torres. A obra deixa de te pertencer?

Gosto mesmo muito da palavra comungar, não pela conotação religiosa, mas porque associo a partilhar. Ambas as palavras implicam eu+outro em partilha, em conversa (como também acontece de forma intraduzível entre o trabalho e eu). Respondendo à tua pergunta, assim que outros (que não eu na intimidade do atelier) projectam o seu olhar (mais ou menos informado), os seus afectos, as suas estórias sobre as imagens, elas deixam de ser “apenas” minhas. E isso é bom. Tenho tido alguns bons encontros que me ajudam a aprender “coisas” que não sabia ou que não tinha ainda visto nos meus desenhos. (como este texto!) Quanto às publicações, interessa-me que circulem e que funcionem como exposição-itinerante. Interessa-me a gratuidade por algumas razões que já consigo enumerar (work in progress) mas sinto que outras estão ainda

por explorar, por exemplo: o potenciar a surpresa ou ruptura inesperada no quotidiano do outro; subverter algumas das lógicas do que chamamos “objecto de arte” (não me interessa aqui desenvolver este aspecto). Há momentos raros em que me é oferecido um objecto “dialogante” com o meu trabalho (muitas vezes sob a forma de um postal)... concluindo seguindo uma lógica tautológica, quando o trabalho é exposto ou publicado... é isso mesmo, é público.

No chão estende-se a forma feita de outras formas (orgânicas, inorgânicas). Abracadabra: o jogo *encantatório* convertido em escultura. Natureza e Arte novamente ligadas. A caminhada na paisagem e seu (curto-)circuito criativo: “Pega-me.” — a vida encena-se para a arte. Acreditas na autonomia dos objectos?

E a arte encena-se para a vida, o poema-encantatório ABRACADABRA é um exemplo perfeito disso, Ana Hatherly apresenta-o como um poema que se utilizava para eliminar maleitas e receios. Outro exemplo são os gestos eximamente coreografados por alguns políticos que ora nos assombram, ora nos encantam, e que transformei através da tinta, da cor e da luz no interior da sala escura. Dentro daquilo que constitui o grande arquivo que é a nossa vida, há objectos que seduzem, que satisfazem desejos, que por designio já são desenho, escultura ou imagem em movimento, e é aí que se dá a revolução da matéria em arte e por conseguinte da vida.

Percebemos que uma peça foi absorvida na parede, ou será a parede a afirmar-se no trabalho? Leio a gravação de memórias do espaço tornado ainda mais vivo. O desejo que rompe e que corre como a água, que se adapta, curvilínea como a mulher. Estás à procura de uma forma concreta?⁷

Pensar é como tactear uma sombra entrar de rastos numa profusão de escuros. Não procuro uma forma concreta (i.e. não há resposta nem fim para o que me leva a desenhar e “fazer coisas”). Vou procurando, experimentando sempre e aprendendo mais. No caso dos desenhos a grafite expostos na Rampa eles resultam — literalmente — de um tactear-atrito quase cego, num primeiro momento sobre pranchas de linóleo talhadas com palavras e num segundo momento sobre as paredes do espaço onde foram instalados. E o que gosto particularmente nesta nova série de desenhos é terem que ser refeitos em e para cada espaço em que serão mostrados (para fazerem sentido têm que “pertencer”, no sentido mais corpóreo e literal do termo, ao espaço onde estão instalados). Outras que se cravam mesmo ao lado, parede e objecto idênticas na matéria.

⁷ Referência a um trecho de Pauliana Chiziane, *Niketche: Uma História de Poligamia*, 2001.

Tudo isto às claras, no neutro incolor. Até que entramos no escuro e afinal é-nos revelada a cor. ABRACADABRA: O jogo *encantatório* convertido em vídeo. A certeza da forma converte-se no jogo da omissão, hipnótico. Aqui ganhamos a consciência de que a obra nos olha. É uma sensação que costumamos ter quando vês uma obra?

Volto à ponte que se suspende entre um olhar—uma obra, e o olhar daquele que o/a observa, só com a atenção em suspenso—um estar à espreita, se pode tornar viva uma imagem, uma ideia. Para a Isabel. A Mão que se eleva. Uma aparição (fenómeno místico extraordinário), como se ela—à semelhança do que acontece com a relíquia Vêu da Verónica, tivesse pressionado o seu rosto na superfície do papel e aí tivesse gravado a sua verdadeira essência. Verónica é um comovente portmanteau da palavra latina *vera* (verdadeira), e a grega *icon* (imagem); (A verdadeira Imagem). Para a Mafalda. A Mão que segura. A Mão que tacteia e observa, a Mão que escreve e é conhecimento. A Mão que fala pelo desenho e pela escrita. A Mão que inscreve—no papel que se faz pedra—as relações dos outros, dos seus e do mundo. A Mão que descobre as suas teias e que por vezes se enredeia. Duas Mãos que deixam lastro na arte e na vida. No singular e no colectivo. Em sua casa e na rua.

O Neutro liga, ainda, Barthes a Lao Tse, no plano de que estar quieto é avançar, agindo sem agir: *Wu-wei*. E a partir destas leituras entendi essências: O desejo do Neutro é o desejo de não possuir. Não ser protagonista em esforço e actuar em cooperação. Ser atento. Cuidar do que virá do futuro. Deixar-se fluir como água no rio, informe, configurando-se na orla, superar e seguir. Por fim, *o melhor Neutro não é o nulo, é o plural*. (Barthes, p.247) Nesse caso a partilha prossegue na noção de recuperação, de um gesto dedicado e repetido das mãos de todas—a quatro—, mãos seguras que activam “acções hipnóticas e de natureza mágica.” Queremos um mundo diferente.

Barthes, R. (2003). *O Neutro*. Martins Fontes.

Tse, L. (2010). Tao Te King. *O livro do Caminho e do Bom Caminhar*. Trad. e Coment. de António Miguel de Campos. Relógio d'Água.



Exposição na Rampa, Porto. Fotografias de Violeta Moura

